

## Uma terminologia sobre suicídio

*Terminology about suicide*

por [Alice Ferry de Moraes](#)

**Resumo:** Este trabalho surgiu a partir de um levantamento bibliográfico das publicações acadêmicas brasileiras sobre suicídio produzidas entre 1996 e 2007. Ficou clara a necessidade de uma terminologia, que refletisse de maneira fiel como esse tema é pesquisado no Brasil. Foram ouvidos os especialistas da área (um psiquiatra e uma psicóloga) como primeiro passo para a construção dessa terminologia. Depois, foi buscada, na Ciência da Informação, a teoria de Ranganathan que oferecia a possibilidade de organizar as diversas abordagens suscitadas pelo tema em facetas. Atores, responsáveis pelas ações, suas ações e os elementos (materiais) presentes nas ações e seus desdobramentos poderiam ser assim representados. A teoria de Lasswell, da Comunicação, com suas perguntas tradicionais auxiliaram na identificação das facetas. O resultado foi uma proposta de terminologia que pode representar, de forma adequada, a produção científica brasileira sobre suicídio, atendendo às reivindicações da Organização Mundial da Saúde.

**Palavras-chave:** Suicídio; Terminologia; Ranganathan; Ciências da saúde.

**Abstract:** This work appear from a literature review of academic publications on suicide produced in Brazil between 1996 and 2007. There is a clear need for a terminology that would reflect faithfully how the subject is studied in Brazil. Area specialists were consulted (a psychiatrist and a psychologist) as a first step towards the construction of the terminology. Then it was sought in Information Science, Ranganathan's theory the basis to organize the various approaches related to the theme facets. Actors and actions, theirs elements (material) and consequences could be well represented. Lasswell's theory of communication, with its traditional questions assisted in identifying the facets. The result was a proposal for a terminology that can be compatible to the Brazilian scientific literature on suicide proper to demands of the World Health Organization.

**Keywords:** Suicide; Terminology; Ranganathan; Health sciences

### Introdução

Este trabalho é decorrente de um levantamento bibliográfico de publicações acadêmicas brasileiras sobre suicídio produzidas entre 1996 e 2007. Mais do que a organização de uma terminologia, ele reflete a maneira como o suicídio é pesquisado no Brasil. Várias foram as tentativas de entendimento e organização dessa terminologia. Recorremos inicialmente aos próprios especialistas da área, ou seja, um psiquiatra e uma psicóloga. Depois, foi buscada na Ciência da Informação, a teoria de [Ranganathan](#) para melhor processar o arranjo da terminologia. A referida teoria fala de atores, responsáveis pelas ações, as ações propriamente ditas, os elementos (*materiais*) presentes nas ações e seus desdobramentos.

Tudo muito semelhante a um arranjo que se possa dar aos termos coletados que representavam os conteúdos das publicações integrantes do levantamento bibliográfico realizado. Ainda foi utilizada a [teoria de Harold Lasswell](#), da Comunicação, onde as perguntas tradicionais contribuem com suas respostas para a construção de um texto jornalístico e para a identificação de elementos de indexação de um documento.

Para esclarecer a preocupação com a organização terminológica, será realizada uma rápida abordagem sobre o conhecimento e sua representação.

### O conhecimento e sua representação

O conhecimento científico é produzido a partir de conhecimentos já formulados anteriormente e que vão se acumulando. O pesquisador poderá confirmar ou negar esses conhecimentos através da realização da pesquisa científica que não dispensa a teoria para lidar com os fatos. *"O objeto do conhecimento é construído e [...] o movimento dessa construção é teórico"*. (Cardoso, p. 11) O conhecimento científico, portanto, não tem origem no sensível e sim no racional, complementado pela informação. O desenvolvimento de uma sociedade é medido pela qualidade e uso do conhecimento e da informação, indispensáveis para os indivíduos que vivem nela.

A concepção do termo informação é extremamente abrangente e não pode ser medida. Aqui, a informação aparece especificamente com objetivo científico para as atividades sociais efetivas de transferência da informação desejada entre seus produtores e usuários. *"A comunicação do conhecimento é uma das chaves dos problemas de nosso tempo, e é essencialmente um problema social. Enormes recursos são dedicados ao avanço da ciência e da tecnologia, e a disseminação da informação científica, sem a qual estes avanços perdem muito do seu significado, tem sido estudada sistematicamente por muitos anos."* (Foskett, 1974, pref.)

O desenvolvimento tecnológico, fruto do conhecimento, e as reformulações na comunicação, considerando a subjetividade e a historicidade, instituíram novas questões acerca da representação do conhecimento e a ampliação do conhecimento da representação. Saber o que é conhecimento e como representá-lo e saber o que é representação e qual a sua função são atitudes fundamentais para quem lida com informação, partícula de um todo que é o conhecimento. Identificar o *locus* do conhecimento é importante para o entendimento de conceitos como representação, disseminação e recuperação da informação. A epistemologia se desloca através da questão do ser, da racionalidade e da representação. Ela apresenta o real como aparência por meio do signo e coloca o homem em confronto com sua essência, como centro do mundo e usuário de uma linguagem que o antecede e o dispensa. As funções da representação, antes, tinham apenas dois enfoques: o de mostrar a ausência e o de exibir uma presença, ou seja, a representação relacionava-se com a ação de imaginação. Faltava a relação entre representante e representado.

*"A função simbólica (dita de simbolização ou de representação) [é definida] como uma função mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, que opere por meio dos signos linguísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos de conhecimento científico.* (Chartier, 1980, p. 19)"

Japiassu (1979, p. 52) afirma que *"cada disciplina científica tem necessidade de um sistema de representações, de normas, de valores, capaz de defini-la e de delimitá-la"*. As representações sofrem todas as influências sociais porque elas fazem parte de uma ação social, mesmo quando relacionadas às ciências exatas. As representações do conhecimento são construídas pelos homens que vivem em sociedade. Eles, por meio da percepção e da razão, formulam conceitos abstratos a respeito da realidade que os cerca.

Os conceitos agregados sob o mesmo objeto e organizados metodologicamente produzirão o conhecimento. Esse conhecimento, que é científico e histórico, carrega consigo a visão de mundo do cientista (*pesquisador/conhecedor*). Portanto, as representações refletem momentos

históricos, teorias, ideologias e culturas e, embora busquem uma proximidade com a realidade, por esse motivo podem ter "*leituras*" diversas, fazendo cair por terra a sua intenção de universalidade, neutralidade e eternidade. O mercado de informações exige que haja equivalência formal nas representações para que haja um constructor sócio-cultural, visando as relações sociais. A representação, em princípio, não deve alterar o objeto representado, mas isso se torna impossível na medida em que ela é uma "*leitura*" do objeto sobre diversas influências que dificultam a manutenção de parâmetros culturais no intercâmbio representacional (González de Gómez, 1994, p. 3). A representação é usada na transferência da informação por ocasião da descrição do conteúdo de um livro ou documento por meio de palavras. "*A representação do conhecimento em formas simbólicas tem ocupado o mundo da documentação desde suas origens [...] uma vez que as representações são as chaves para a disseminação de dados, informação e conhecimento.*" (Binwal, 1992, p. 195)

Essa condensação do assunto do texto em palavras avulsas visa identificar esse mesmo texto, facilitando sua recuperação e a disseminação do assunto nele contido. Essas palavras são, portanto, representações de representações e, conseqüentemente, guias parciais e imperfeitos com respeito ao tema do texto. São elas apresentadas de forma condensada nas classificações documentais e na indexação que, além de serem utilizadas na arrumação de documentos e livros em arquivos e estantes, pretendem organizar o conhecimento nelas reproduzido. Os assuntos ou termos explicitam, de forma simplificada, os conceitos e se combinam sob as relações teóricas. Logo, para que se identifiquem os assuntos de um documento, é preciso saber que eles são construídos com representações a partir de conceitos que, por sua vez, integram o conhecimento.

### **A descrição do conteúdo de um documento**

A descrição do conteúdo de um documento se dá de forma sucinta, utilizando palavras simples, curtas e sem sentido dúbio e, principalmente, sem adjetivação. A linguagem a ser usada será uma representação do conteúdo do documento. É importante o uso, como orientação, de uma linguagem especializada e controlada. Essa linguagem poderá ser a absorção ou adaptação de alguma já existente, considerada pertinente aos quadros teóricos da pesquisa. Poderá ser, também, criada uma linguagem estruturada especialmente para aquele estoque de informação. Há quem solucione o controle das palavras utilizadas com a elaboração de um tesouro que exige técnica e bom conhecimento do assunto. Entretanto, a interdisciplinaridade hoje prejudica muito sua estruturação que cria interdependência entre os termos.

A representação dos assuntos em palavras é denominada indexação, que é um elemento importante para que a informação se exponha e seja comunicada.

*“O processo de indexação envolve dois passos intelectuais distintos; a análise conceitual de um documento e a tradução dessa análise num vocabulário específico. Para realizar uma eficiente análise conceitual, o indexador precisa conhecer o conteúdo dos documentos e as necessidades dos usuários do sistema. (Lancaster, 1986, p. 3)”*

Portanto, a boa indexação é a que traduz da forma mais fiel possível o conteúdo do documento e está mais afinada com os objetivos da criação do estoque de informação e da pesquisa. Também é a que facilita a tarefa do pesquisador fazendo com que ele identifique o conteúdo representado para, assim, descartar ou não aquele documento de sua pesquisa. A má

indexação impede a recuperação de um documento ou leva a uma recuperação falsa.

A descrição do conteúdo é a mais difícil e polêmica etapa de trabalho de um documentalista e/ou produtor de conhecimento, dependendo basicamente de seu conhecimento em relação ao tema. Depende também de uma boa formação cultural e profissional. E, mesmo havendo todos os elementos favoráveis por parte do profissional ou pesquisador, é preciso lembrar que a documentação é dinâmica porque o conhecimento é dinâmico, portanto ela o acompanha.

Um documento pode ser visto e avaliado de um jeito hoje e tudo isso mudar amanhã, de acordo com novos interesses de quem faz uso dele. O que deve haver, portanto, é um desempenho sério diante de um trabalho como esse. Uma tentativa sincera de fazer um bom trabalho e ter paciência e humildade para refazê-lo, revê-lo, caso seja necessário. Não há erros; há, sim, readaptações.

### **A terminologia na área das ciências da saúde**

[Biolchini](#) (2001) identifica, no conhecimento científico em geral e em particular na área biomédica, instabilidades, conflitos e complementações que redundam em um rearranjo dinâmico nas representações desses conhecimentos. É viável a utilização de conceitos representados pela terminologia sob a forma de vocabulário controlado como variáveis de maneira a serem quantificados e integrarem pesquisas teóricas e experimentais, conforme observa [Svenonius](#) (1976).

No momento da escolha de um termo, é importante observar que o uso de linguagens internacionais pode trazer consigo problemas de tradução, desfigurando um termo e assim limitando a representação de um conceito, diz [Moura](#) (2002). Outro fator para ser observado é o ideológico. O termo traz consigo uma visão de mundo e ela influi na sua escolha. O *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) dá destaque à avaliação científica que emprega a cientometria cognitiva, com base na análise da produção científica realizada através dos termos empregados pelos pesquisadores.

Para [Merton](#) (1973), a ciência tem como meta a produção de novos conhecimentos e a divulgação de seus resultados. A ciência amplia suas metas, buscando solução para os problemas da sociedade, ao mesmo tempo em que proporciona prestígio e ganhos econômicos para os pesquisadores e países responsáveis pelas pesquisas. As informações produzidas são processadas e colocadas à disposição dos pesquisadores para servirem de insumo aos novos conhecimentos e novas informações. Para Benveniste (1989), a terminologia atua como uma representação do conhecimento.

*“Uma ciência só começa a existir, ou consegue se impor, na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos através de sua denominação, porque ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados. Denominar é ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência. ([Benveniste](#), 1989)”*

[Lima](#) (2005) também ressalta a importância da terminologia: “... a terminologia procura

*garantir a comunicação especializada pelo acompanhamento da prática científica, incorporando e normalizando os novos conceitos gerados pelo domínio científico, que são designados pelos termos (Lima, 2005)”. Fica claro, portanto, que o uso da terminologia é um elemento representativo do conhecimento, tanto oferecendo visibilidade para a produção científica quanto para o registro dessa produção nos estoques de informação.*

A Linguagem Controlada (LC), também denominada “*vocabulário controlado*”, foi criada para ser utilizada na indexação de documentos e para organizar, facilitar a busca e a recuperação desses documentos. Para estabelecer a padronização e o controle terminológico, foram observadas normas quanto a variantes gramaticais como, por exemplo, singular/plural, flexões de verbos e a variantes conceituais como os sinônimos, equivalências, etc., sem deixar de respeitar a especificidade do termo no desenvolvimento das pesquisas institucionais.

Foi necessário, ao mesmo tempo, não perder de vista o reconhecimento universal do termo, permitindo a identificação de seu significado. Algumas vezes, foi preciso abrir mão da perfeição da linguagem, para que não ocorresse um distanciamento muito grande entre o discurso científico, usado para a construção de uma linguagem controlada e o discurso comum, construído a partir da linguagem natural.

A Linguagem Natural (LN) é utilizada pelos pesquisadores, na maioria das vezes, no registro de suas experiências, ocorrendo por vezes momentos de ineditismo e/ou inovação em suas pesquisas, que contribuem para a criação do que é conhecida como uma Linguagem Natural. [Lopes](#) (2002) define a Linguagem Natural como a linguagem do discurso técnico científico. [Lancaster](#) (1993) considera essa linguagem como “...sinônimo [da] expressão “*texto livre*”.

De acordo com teóricos, existem diferenças marcantes entre a Linguagem Natural e a Linguagem Controlada. A Linguagem Natural possui um vocabulário expressivo e flexível, porém, ambíguo, proporcionando maior revocação (recuperação de documentos úteis) e menor precisão na representação e na recuperação de conteúdos. A Linguagem Natural é utilizada na representação de tópicos específicos dos títulos da produção científica e em temas novos e atuais. Por esse motivo, [Lancaster](#) (1979) considera a Linguagem Natural como o discurso dos autores. Ela é utilizada na representação das informações no [Science Citation Index](#). A Linguagem Controlada tem um vocabulário rígido e inflexível e mais preciso, proporcionando menor revocação e maior precisão na recuperação da informação. A padronização da representação resulta na perda de parte de na sua especificidade. A Linguagem Controlada é utilizada na representação das informações no [Medical Subject Headings](#), disponível na base de dados Medline.

### **Análise da terminologia sobre o tema suicídio**

Este estudo teve como base um levantamento bibliográfico realizado em 2008-2009, com documentos produzidos no período de 1996 a 2007 e sob as formas de dissertações, teses, artigos científicos de periódicos indexados e livros sobre o tema o suicídio. A terminologia encontrada em todos os suportes informacionais foi bem díspar. Também foi observada a inexistência de uma acuidade no tratamento dos termos relacionados ao tema tanto em listas de palavras-chave quanto em tesouros e outros instrumentos similares como o DeCS – Descritores em Ciências da Saúde, coordenado pela [Bireme](#).

Contar com o auxílio direto de técnicos ou especialistas da área é sempre interessante porque,

além da valorização do termo, eles podem apontar refinamentos na descrição do conteúdo de um documento. E isso foi feito para este trabalho. Foi fornecido um levantamento parcial ao psiquiatra Carlos Augusto Mendonça e à psicóloga Verônica de Oliveira, e cada um criou uma terminologia própria, utilizando uma linguagem natural e não controlada. Sobre essas terminologias falaremos agora.

O resultado teve alguns pontos em comum, mas foram bastante úteis na construção de uma organização terminológica apresentada neste trabalho.

O Dr. Mendonça analisou a bibliografia recebida e a subdividiu principalmente por aspectos relacionados às tentativas de suicídio e aos suicídios propriamente ditos. Dentro dessa análise esses aspectos foram organizados da seguinte forma, reconhecendo, no entanto, que há um entrecruzamento entre eles em alguns momentos:

- *Aspectos epidemiológicos*

- *Fatores de risco*
- *Ideação suicida*
- *Tentativa de suicídio*
- *Suicídio*
- *Co-morbidade somática*

- *Aspectos psicológicos*

- *Aspectos psiquiátricos*

- *Aspectos biológicos*

- *Genética*

- *Aspectos sociais*

- *Aspectos éticos, espirituais e legais*
- *Aspectos contextuais*
- *Onde e quando*
- *Agentes*
- *População específica*
- *Impacto e consequências*

- *Aspectos de prevenção*

- *Papel dos agentes de saúde*
- *Intervenções terapêuticas*
- *Fatores de proteção*
- *Atenção como problema de saúde pública*

O arranjo da psicóloga Verônica privilegiou os fatores de risco, os epidemiológicos, os genéticos, além de destacar a prevenção, tratamento, a eutanásia e, como um tema a parte, o homicídio seguido por suicídio. Examinando a terminologia dos Descritores em Ciências da Saúde, foram listados os descritores abaixo que mais se aproximam das necessidades de representação dos conteúdos dos textos sobre suicídio. Os termos deixam muito a desejar, inclusive pela inexistência do próprio termo “suicídio”.

- *Acontecimentos que mudam a vida*
- *Agitação psicomotora (Inquietação)*
- *Ansiedade*
- *Armas de fogo*
- *Atitude frente à morte*
- *Comportamento autodestrutivo*
- *Comportamento impulsivo*
- *Depressão*
- *Direito de morrer*
- *Envenenamento*
- *Fatores de risco*
- *Overdose*
- *Pânico*
- *Pessoas mentalmente doentes*
- *Psicopatologia*
- *Rodenticidas (Chumbinho)*
- *Saúde mental*
- *Solidão*
- *Transtornos mentais*
- *Transtornos psicóticos*

Analisando as terminologias descritas e visando o desenvolvimento de outras, buscou-se respaldo através de bases teóricas, tanto na área da Comunicação quanto na área da Ciência da Informação para a construção de uma proposta de terminologia sobre o tema suicídio. Primeiramente, foi buscada na Comunicação o Modelo ou Paradigma de Lasswell, que através de perguntas clássicas que, quando respondidas, contribuem para a elaboração do que pode ser considerado um bom texto jornalístico, assim como podem servir na identificação de elementos úteis, presentes em um documento, no momento de sua indexação. As sete perguntas são: Quem (*disse*)? O quê? Em que (*canal*)? A quem? Com que (*efeitos*)? Com que (*intenções*)? Em que condições? Por vezes, essas mesmas perguntas aparecem como: Quem diz? O quê diz? Por qual meio? (*Como?*) A quem diz? Com qual efeito? (*Para quê?*). O modelo de Lasswell foi baseado em Aristóteles que oferecia as seguintes perguntas para a construção de um texto: quem diz? O que diz? A quem diz? Com qual efeito? (*Para quê?*).

Depois, na Ciência da Informação foi utilizada a Classificação Facetada, elaborada pelo matemático e bibliotecário indiano *Shiyali Ramamrita Ranganathan*, na década de 30. Era uma classificação multidimensional, ou seja, construídas em facetas. Ela foi inspirada pelas dez categorias de Aristóteles sobre as maneiras de manifestação dos objetos do mundo. Eram elas: substância ou matéria; qualidade; quantidade ou extensão; relação; tempo ou duração; lugar ou localização; ação ou atividade; paixão ou sofrimento da ação; maneira de ser e posição.

Ranganathan adotou o uso de dois pontos como símbolo para correlacionar ideias diferentes,

criando assim a Colon Classification (*Classificação de dois pontos*). “Segundo Ranganathan, analisar um assunto por facetas significa que cada aspecto desse assunto pode ser visto como as manifestações de certas características ou facetas que obedecem a postulados pré-determinados. O sistema torna-se, assim, multidimensional e ilimitado. (Barbosa, 1969, p. 166 )”.

Juntando as análises realizadas pelos especialistas da área da saúde mental, com os parcos descritores sobre o tema suicídio e as possíveis respostas às perguntas de Lasswell e as facetas de Ranganathan, foi possível chegar à uma estrutura terminológica que ajudariam não apenas àqueles que produzem textos científicos como àqueles que organizam e recuperam esses textos.

### **Proposta de arranjo terminológico para o tema suicídio**

As diversas fâcetadas, abaixo mencionadas, são características do tema suicídio e foram organizadas a partir da terminologia empregada pelos diversos autores identificados no levantamento da produção científica nacional de 1996 a 2007. A terminologia foi agrupada, de maneira organizada, de modo a reproduzir itens de identificação de objetos de estudos presentes nos textos analisados. O resultado foi:

- *Tipos de casos*

*Ideação suicida, tentativa de suicídio, suicídio(morte), suicídio assistido (eutanásia)*

*Complementos de tipos de casos*

*Coerção, homicídio, violência*

- *Ator*

*Por sexo: mulheres, homens, homossexuais*

*Por idade: crianças, adolescentes, idosos*

*Por etnia – índios, asiáticos, imigrantes alemães*

*Por profissão – policiais, bombeiros, médicos, enfermeiros, militares, empresários, funcionários de multinacionais, estudantes*

- *Tempo*

*Por horário: dia, noite*

*Por estação: inverno, verão*

*Por datas especiais: Ano Novo, Natal, Dia dos Namorados*

- *Lugar*

*Lugar público, residência, hospital, escola, prisão, hotel (não apareceu no levantamento, mas é conhecido como local de suicídio)*

- *Processo*

*Defenestração, queimadura, envenenamento, overdose, intoxicação, afogamento, acidente automobilístico, tiro, corte*

- *Material*

*Arma de fogo, venenos, corda, medicamentos, agrotóxicos, drogas ilícitas, álcool, instrumentos cortantes, inseticidas*

- *Motivo*

*Solidão, velhice, assédio moral, assédio sexual, bullying, obesidade, anomalia*



*física, doença terminal, religião, violência, dst, luto, aids, violência doméstica, aborto, racismo, homossexualismo, relação amorosa, prisão, estresse, família, gravidez, desesperança, tristeza, desamparo, maus tratos, escravidão, diabetes, doença mental, depressão, ansiedade, distúrbio alimentar, pânico, esquizofrenia (alguns tipos de doenças mentais apareceram de forma isolada por terem expressiva presença nos casos de tentativas de suicídio e suicídio)*

- *Identificação de risco suicida*

*Testes, fatores de risco, co-morbidade, narcisismo, atitude frente à morte, comportamento suicida*

- *Prevenção*

*Policial, médica, legal, social, arquitetônica, vigilância de produtos comercializados*

- *Tratamento*

*Psicoterapia, psicanálise, internação, psicodrama, medicamentos, terapia familiar, acompanhamento terapêutico, Centro de Valorização da Vida*

- *Profissionais*

*Médico, enfermeiro(a), professor, psicólogo, terapeuta ocupacional*

- *Formas de apresentação dos casos de tentativas de suicídio e suicídio*

*Relatório, relato de caso, tese, dissertação, artigo, matéria jornalística, registro de ocorrência, palestra, sistema de informação, pesquisa, etnografia, legislação e jurisprudência*

- *Conseqüências*

*Impacto legal, impacto social, impacto familiar, impacto cultural, impacto na saúde pública, impacto na seguridade social*

- *Questões*

*Éticas, espirituais, morais*

- *Áreas do conhecimento correlatas*

*Direito, medicina, psicologia, psicanálise, psicologia, antropologia, educação, sociologia, literatura, estatística, comunicação*

É importante ressaltar que os termos acima citados deverão aparecer em lista única, por ordem alfabética e alguns termos podem ser os mesmos, mas agrupados em diversas características. Ex. Médico. Tanto pode estar relacionado à questão de tratamento quanto pode estar entre os agentes que cometem suicídio, conforme foi observado na literatura analisada.

### **Considerações finais**

Este trabalho foi uma primeira tentativa de formalização de uma terminologia para o tema suicídio. Muito ainda deverá ser feito, sob olhares de diversas áreas. Aqui foram utilizados os instrumentos disponíveis na Ciência da Informação e na Comunicação, de maneira a organizar a terminologia que representa as inúmeras abordagens do tema refletidas nos documentos encontrados, a partir do levantamento realizado em bases brasileiras.

Os textos bem representados serão importantes fontes para estudos a serem realizados pelos profissionais da saúde, familiares e a sociedade sobre um tema que ainda é estigmatizado. Conhecer as experiências e relatos de quem vivenciou a idéia de suicídio ou teve que lidar com ele, seja de que forma for, é um passo a ser dado para o debate e medidas preventivas, tirando a visão policial que envolve o tema e o inserindo na saúde pública.

## Referências Bibliográficas

- ÁVILA, C. A. A. Fundamentos teóricos da classificação. *Encontros Bibli*, Florianópolis, n.22, p. 117-140, 2006.
- BARBOSA, A.P. Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.
- BENVENISTE, E. Problemas de lingüística geral I. Campinas: Unicamp, 1991.
- BINWAL, J. C. Ranganathan and the universe of knowledge. *International Classification*, v. 19, n. 4, p. 195-200, 1992.
- BIOLCHINI, J. C. A. Semântica e cognição em bases de conhecimento: do vocabulário controlado à ontologia. *DataGramaZero*, v.2, n.5, Out. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br>. Acesso em: 20 jan. 2003.
- CAMPOS, M. L. A. A problemática da compatibilização terminological e a integração de ontologias: o papel das definições conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis. Anais ... Florianópolis: UFSC, ANCIB, 2005.
- CARDOSO, M. L. Para o conhecimento dos objetos históricos – algumas questões metodológicas. [s.n.t.]
- CHARTIER, R. A história cultural. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1980.
- FOSKETT, D. J. Classification and indexing in the social sciences. 2.ed. London: Butterworths, 1974.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. Rio de Janeiro: IBICT, 1994. [pre-print]
- JAPIASSU, H. Introdução ao pensamento epistemológico. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- LANCASTER, F.W. Indexação e resumos: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 1993.
- \_\_\_\_\_. Information retrieval systems: characteristics, testing and evaluation. 2.ed. New York: Wiley, 1979.
- \_\_\_\_\_. Vocabulary control for information retrieval. Arlington: Information Resources, 1986.
- LIMA, V.M.A.L. Codificação e decodificação da informação documentária: uma nova proposta para a construção de linguagens documentárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. Anais ... Florianópolis: ANCIB, 2005.
- LOPES, I. L. Uso das linguagens controlada e natural em bases de dados: revisão de literatura. *Ciência da Informação*, v.31, n.1, p.41-52, Jan./Abr. 2002.
- MERTON, R. K. The sociology of science: theoretical and empirical investigations. Chicago: University of Chicago Press, 1973.
- MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. et al. Construcción automática de Topic Maps. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2002, Fortaleza. Anais ... Fortaleza: FEBAB, ABC, UFC, 2002.
- MORENO, F. P.; MÁRDERO ARELLANO, M. A. Requisitos funcionais para registros bibliográficos – FRBR: uma apresentação. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 3., n.1, p. 20-38, 2005.

MOURA, M. A.; SILVA, A. P.; AMORIM, V.R. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia. *Informação & Sociedade: Estudos*, v. 12, n.1, 2002. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>. Acesso em: 15 abr. 2002.

SANCHO, R. Medición de las actividades de ciencia y tecnología. Estadística e indicadores empleados. *Revista Española de Documentación Científica*, v.24, n. 4, p. 382-404, Oct. 2001.

SIQUEIRA, M.A.; SANTOS, P. A versão em XML do Marc 21 e as formas de representação descritiva na Ciência da Informação. In: VIDOTTI, S.A. G. (org.). *Tecnologia e conteúdos informacionais: abordagens teóricas e práticas*. São Paulo: Polis, 2004. p. 95-111.

SVENONIOUS, E. Natural language vs controlled vocabulary. In: *CANADIAN CONFERENCE ON INFORMATION SCIENCE*, 1976, Ontario. Proceedings ... [s.l.:s.n.], 1976. p. 141-150.

WEBER, M. *Sobre a teoria das ciências sociais*. São Paulo: Moraes, 1991.

### **Sobre os autor / About the Author:**

Alice Ferry de Moraes

[ferry@icict.fiocruz.br](mailto:ferry@icict.fiocruz.br)

Doutora em Ciência da Informação, pelo IBICT/UFRJ. Pós-doutora em Estudos Culturais, pela UFRJ. Trabalha no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz.